

A MAMOA DO BARREIRO

UM TUMULUS DO LESTE DE TRÁS-OS-MONTES

POR

Maria de Jesus Sanches (*),

Anabela Gomes Lebre (**)

e

António Manuel Santos (***)

0. Introdução

A mamoa do Barreiro, situada na freguesia de Vilar de Rei, concelho de Mogadouro e distrito de Bragança, foi objecto duma escavação de emergência no período compreendido entre 29 de Julho e 20 de Agosto de 1987 ⁽¹⁾.

(*) Assistente da Faculdade de Letras do Porto.

(**) Licenciada em História (variante de Arqueologia) pela Fac. de Letras da Universidade de Coimbra.

(***) Aluno do curso de História (var. de Arqueologia) da Faculdade de Letras de Coimbra.

⁽¹⁾ Esta mamoa foi localizada pelo Dr. Domingos Marcos, em Dezembro de 1986. Logo nesse mês, fomos por ele alertados para o seu estado avançado de ruína e, concerteza, eminente desaparecimento. Foi esta a razão que nos levou, de imediato, a programar uma escavação para o ano seguinte.

Agradece-se o apoio financeiro prestado pelo IPPC e pela Câmara Municipal de Mogadouro.

Participaram na escavação alunos da Escola Secundária de Mogadouro, integrados no Programa OTL/87, e ainda estudantes e licenciados em História das Faculdades de Letras do Porto e Coimbra. De entre estes agradece-se particularmente a Branca do Carmo Santos.

Os signatários deste trabalho mantiveram, na escavação, uma colaboração estreita e muito frutífera; no entanto, a redacção deste texto é da autoria e exclusiva responsabilidade de um só desses elementos (M.J.S.).

Embora se tratasse duma intervenção desta natureza e não constando, de resto, do programa de escavações, a curto prazo, do projecto de estudo da Pré-história recente desta região — em curso de realização por uma das signatárias (M.J.S.) — a documentação que ainda forneceu, conferiu um significado particular à abordagem das mamoaas do Leste de Trás-os-Montes. Com efeito, e tal como já acontecera com a mamoa 3 de Pena Mosqueira, esta veio também mostrar que, no *Planalto Mirandês*, as fórmulas construtivas dos *tumuli* e respectivas estruturas funerárias internas, parecem não obedecer, sequer, a esquemas genéricos comuns a outras regiões peninsulares. Entre o enterramento praticado na mamoa 3 de Pena Mosqueira e aquele indicado aqui, sob a forma duma estrutura submega-lítica — *fossa ladeada de esteios e de pequenas lajes* — interpor-se-á uma outra tradição funerária, um diferente *momento* ritual ou um outro tempo cronológico? Terão porventura actuado todos estes factores em simultâneo ou só alguns deles?

A questão é premente e, nas vias para a sua solução, assume particular importância, repetimos, o estudo de todos estes *monumentos com tumulus*, insertos nesta pequena região geográfica e orograficamente homogénea — o *Planalto Mirandês*. A maioria destes monumentos parece manter, relativamente preservado, não somente o *tumulus*, mas também a estrutura funerária interna (ausência de crateras no centro das mamoaas), precisamente aquela que mais fragmentariamente surge aos olhos do arqueólogo, porque quase sempre destruída ou semi-destruída.

1. Localização

A mamoa do Barreiro localiza-se no lado direito dum caminho carreteiro que, acompanhando a linha férrea do Sabor, liga a estação da C. P. de Mogadouro à aldeia de Vilar de Rei. A cerca de 2 Km, para Sul, da referida Estação, e já nas faldas NE do pico de Vilar de Rei, a linha férrea aproxima-se enormemente daquele caminho carreteiro, num percurso de cerca de 500 m (entre o Km 71 e 72 daquela linha). É precisamente nesse espaço, intercalado entre a linha, hoje soerguida acima do nível primitivo do solo, e o caminho, que se conservou, ainda que parcialmente, a massa tumular desta mamoa (Ests. I e II-1).

Tal como já foi referido em publicação anterior (Sanches, 1987: 96-97) a mamoa do Barreiro ocupa um lugar proeminente da suave lomba que prolonga, para NE, um dos picos dos *Cimos do Mogadouro* — o de Vilar

de Rei (921 m) e dista das *Medorras* de Vila de Ala e de Vilar de Rei (aquelas que lhe ficam mais próximas) 2 e 3 Km, respectivamente.

Hoje, a linha férrea impede que, do topo do *tumulus*, se abarque totalmente a paisagem situada a NO, contrariamente ao que primitivamente teria acontecido. Na ausência de tal construção, o domínio visual da paisagem seria evidente já que só era interrompido pelo apontado pico de Vilar de Rei, a SO.

São as seguintes as suas coordenadas geodésicas, seg. a Carta Militar de Portugal, à esc. 1:25.000, folha 107-Mogadouro.

Lat. — 41° 19' 31" N.

Long. — 2° 28' 28" E. de Lx.

Altitude absoluta — 770 m.

Geologicamente, e seg. António Ribeiro (Ribeiro, 1974) esta mamoa inscreve-se numa região de formações quartzíticas — argilas terciárias com intercalação de quartzitos. Com efeito, a dominante no solo é a argila ou barro avermelhado, pouco permeável, e os blocos de quartzo, de tamanhos e formas variadas. No entanto, abaixo dos 30 cm de profundidade, na área circundante da mamoa, o solo é extremamente húmido e permeável, porque formado de areias de médio e grosso calibre. Tal circunstância provoca a canalização subterrânea das águas dos picos mais altos para as encostas, onde ressurgem em inúmeras nascentes naturais.

Mesmo no limite Este do *tumulus*, já adentro do caminho, uma dessas nascentes corre permanentemente no Verão e, o solo geológico onde foi cavada a fossa destinada ao enterramento, abaixo dos 40 cm, é extremamente húmido também. Talvez seja essa a razão porque não se conservou aqui qualquer fragmento de osso.

2. A mamoa

A mamoa do Barreiro, como mais tarde viemos a perceber, fora alvo de amputações e remeximentos vários desde os finais do século passado.

De um dos lados — E e NE —, um caminho carreteiro, que devia existir desde tempos imemoriais, foi alargado há alguns anos, dando aso à destruição do *tumulus* numa extensão de cerca de 20 m. Do lado oposto, a construção da via férrea, aliada ao estacionamento de pré-fabricados e outras infra-estruturas de apoio à construção da via, e posterior circulação ferroviária — como a abertura de um poço já no perímetro do *tumulus* —, provocaram o arrasamento de toda a parte Oeste da mamoa e ainda o desaparecimento de quase todas as pedras que a deviam cobrir e que, concerteza, foram encaminhadas também para a referida via férrea.

Aproximadamente no centro da massa tumular foi ainda cavado um profundo buraco para inserir um poste de comunicação telefónica da C. P. (Ests. II-1 e III).

Durante bastantes anos o *local dos Barreiros* funcionou como posto de abastecimento de água e carvão das locomotivas a vapor, chegando-se mesmo a projectar para aí a construção da respectiva Estação da C. P.. Felizmente, a mesma acabou por implantar-se 2 Km a N., junto da Estrada Nacional 221 e o terreno, após profundas lavras, passou a ser cultivado com produtos hortícolas.

Tem-se assistido, assim, todos os anos, a uma paulatina destruição, pela lavra, de mais uma parcela do montículo da mamoa, na tentativa de inserir as suas terras no espaço arável. Neste contexto se explicam as medidas de protecção tomadas no final da escavação e que mais adiante exporemos.

Após todos os incidentes apontados, o que restou do *tumulus* era um montículo de forma alongada e estreita, coberto de vegetação já bastante frondosa — carvalhos e giestas, essencialmente — mas, o que permitiu a sua identificação, foi o alinhamento regular de seixos que o corte feito pela estrada exhibia (Cf. corte 3 — Est. VI-3).

Julgámos então, após a limpeza do mato e atendendo à extensão do tal corte — 20 m. —, que a estrada havia «cortado» esta mamoa por um dos seus diâmetros maiores. Restava, contudo, a dúvida: — se a zona do provável enterramento estaria ou não incluída na parte conservada do monumento.

O levantamento topográfico ilustra claramente o que acabamos de expor (Est. III). Em relação a um hipotético centro definido pelas curvas de nível, a estrada ocuparia, pela sua posição e topografia, uma área primitivamente inserta no *tumulus*. Contudo, a escavação veio mostrar uma realidade arqueológica algo diferente.

Tanto a estrada como a provisória Estação da C. P. haviam provocado dois «cortes» paralelos, mas opostos, no *tumulus*, orientados segundo o provável eixo maior da mamoa — NE-SO. Mas, tais destruições deixaram quase intacta a área ocupada pela estrutura funerária propriamente dita.

2.1. O *tumulus*

Primitivamente deveria ter tido forma subelíptica, com o eixo maior — NE-SO — medindo cerca de 20 m. e o menor — NO-SE — provavelmente 17 m.

As plantas I e II e os cortes estratigráficos 1, 2 e 3 são ilustrativos das suas características.

Em primeiro lugar, será de referir que a estrutura pétreo superior, presente ainda nalgumas das áreas escavadas — quadrados B1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 10, C1 e D1 — deve, inicialmente, ter coberto todo o *tumulus* pois, caso contrário, seria estranho que a mamoa se tivesse conservado precisamente e só, sob pequenos aterros criados pelos proprietários do terreno e destinados a soerguer a divisória da propriedade. Os mesmos proprietários procederam ainda, com a mesma finalidade, ao prolongamento de um muro sobre o actual corte da estrada, através da colocação, imbricada e alinhada, de lajes de tamanho médio (Cf. Planta topográfica, planta I, corte 3).

Originalmente a *couraça* deveria ter um aspecto similar ao que se observa ainda nos quadrados B1 e C1 — o de um imbricado regular de pequenas lajes de quartzo. Na sua periferia ou «fecho», este imbricado deveria contar com lajes de tamanhos maiores.

Sob esta estrutura pétreo, o volume e orientação das terras para aqui transportadas, varia consoante a configuração do solo geológico de base.

É interessante notar que esta mamoa foi construída sobre um acidente topográfico — um afloramento. Com efeito, este afloramento natural de terra argilosa dura, foi aproveitado para conferir, dum modo prático, digamos, volumetria ao monumento. Por sobre este afloramento, e sempre que o mesmo apresentava quebras inesperadas ou desníveis acentuados, foram colocadas, numa só fiada ou em várias fiadas sobrepostas, pedras de tamanho médio.

Sobre estas pedras foi lançada terra e, na metade Este da mamoa, várias fiadas de pedras vão mesmo intercalar com aquelas terras. Com efeito, aqui (Cf. corte estratigráficos 2 e 3 — quadrados A5/B5), o desnível mostrava-se tão acentuado, que se tornou necessário criar uma estrutura pétreo espessa a fim de conferir ao *tumulus* a curvatura desejada.

Ainda entre o A5 e o B5, junto do corte, uma laje espessa de granito e com cerca de 70 cm de altura, foi inserida, na vertical, entre as pedras da estrutura pétreo atrás referida. Desconhecemos, contudo, se a sua colocação obedeceu a imperativos simbólicos, funcionais, ou a ambos em simultâneo. O que é certo é que esta laje, pelo seu volume e configuração, conferiria maior firmeza ao *tumulus*, ao impedir que, nesta zona inclinada, as terras escorregassem em direcção à periferia (Ests. II-2, VI-1 a 3).

2.2. Estratigrafia

No estudo desta mamoa, já tão destruída por incidentes vários, houve a preocupação de decapar uma alargada área, mas só escavar em profun-

didade o estritamente essencial à compreensão da sua arquitectura e ritual funerário.

Sendo assim, aprofundámos a escavação na área do enterramento e, unicamente em duas valas que, sendo perpendiculares entre si, se cruzavam aproximadamente no centro da mamoa (Cf. planta II — Est. V).

A sua sucessão estratigráfica é a seguinte: (Cf. cortes estratigráficos 1, 2 e 3 — Ests. VI-1 a 3).

Camada 1 (c.1) — terra humosa, negra, com muitas raízes;

Camada 2 (c.2) — terra do *tumulus*, argilosa/arenosa, fina, homogénea castanho clara. De notar como, no corte 2 — quadrados A5/B5 — as pedras inseridas nesta camada «compensam» o desnível provocado pelo afloramento de base e, no corte 1 — quadrados C3, C4 e C8 — parecem também segurar, sobre o afloramento, as terras do *tumulus*. Aliás, todo o corte estratigráfico 3 é demonstrativo desta particularidade construtiva no lado hoje voltado à estrada.

Camada 3 (c.3) — trata-se do afloramento de terra argilosa/arenosa, grosseira, muito compacta e de cor castanha mais clara que a anterior, quase bege. Nalguns locais é mesmo esbranquiçada. Incluía pequenas pedras de quartzo de cantos rodados.

Camada 4 (c.4) — terra do *tumulus* de cor cinzenta ou castanho escuro e com veios de argila. Poder-se-á tratar já de uma terra de natureza humosa quando deposta no monumento.

A, B, C e D são estratos incluídos na fossa funerária que se «abre» na camada 3 e, por tal razão, descritos aquando da apresentação daquela estrutura.

E — estrato de cor ferruginosa, ou seja, castanho avermelhado.

F — representa lajes estranhas à construção pré-histórica original.

2.3. A fossa funerária

No topo da camada 3, ou seja, no topo do primitivo afloramento, foi aberta uma fossa de forma subcircular, cujo diâmetro variava entre os 2,6 e os 3 m. e tinha 1,12 m. de profundidade (em relação ao topo do *tumulus*). Tal fossa ocupa os quadrados C5, C6 e D6 (Est. VII).

As suas «paredes», de perfil predominantemente côncavo para o interior, eram ladeadas, em quase toda a sua extensão periférica, de pequenas lajes de xisto inclinadas, ora para o exterior, ora para o interior. Tais lajes, dispostas descontinuamente na vertical ao longo do segmento O da fossa, espessam-se no quadrante N., indo mesmo encostar a uma real laje mega-

lítica de xisto (ou esteio) fincada na vertical — *esteio* 2 (alt. = 1,23 m.) (Est. VIII-2).

À base do *esteio* 2 encosta, mas na horizontal, uma outra laje de grandes dimensões que, por facilidade, denominamos de *esteio* 1. Entre o *esteio* 2 e o *esteio* 3, este também de grandes dimensões (alt. = 1,15 m.), dois espessos blocos de xisto sobrepostos preenchem parcialmente o espaço deixado livre por aqueles (Ests. VIII-2 e IX).

Já o monólito n.º 4, de quartzo, tão espesso quanto alto, não parece ter funcionado como «parede» pois vai *assentar* sobre o enchimento da fossa. Este facto indica claramente que foi ali colocado após terminada a operação de preenchimento daquele espaço ritual (Est. VII).

O *esteio* 5, laje alongada de pequenas dimensões (não ultrapassa os 50 cm. de altura), aparece em posição discordante, relativamente ao contorno da fossa, mas um pouco afastado deste. Tal como acontece com os esteios 2 e 3, foi previamente cavado, no fundo da fossa, um sulco alongado para inserir a sua base (Est. IX).

Desconhecemos a sua função pois, apesar de aparentemente criar dois espaços dentro da fossa, a estratigrafia, para um e outro lado deste *esteio*, permanece igual.

Esta fossa foi detectada desde logo, no seu topo superior, quando procedíamos à decapagem horizontal do *tumulus*, já que o seu enchimento, acinzentado no topo, contrastava bastante com o solo geológico periférico, de cor amarelada.

No seu topo NE foi aberta uma cratera de forma alongada e com 98 cm. de comprimento por 42 cm. de profundidade. Continha terra argilosa arenosa com veios castanho escuros e, na sua base, encontrava-se um objecto de ferro — provavelmente uma faca ou parte de tesoura — em avançado estado de degradação (Cf. corte 2 — Est. VI-2).

Esta violação, de proporções mínimas, apesar de ter atingido o bordo da fossa, não provocou outros danos na estratigrafia interna.

Na descrição estratigráfica iniciaremos a exposição pela base da fossa, ou seja, seguiremos os sucessivos passos do preenchimento interno daquela estrutura (Ests. VI-1 e 2).

Sobre o solo de base, argiloso arenoso, muito duro e com um elevado grau de humidade, dispõe-se um estrato de terra, também argilosa, amarelada, mas com veios negros e inúmeros elementos grosseiros (pequenos fragmentos quartzíticos rolados) — estrato C.

Este estrato cobre toda a base da fossa e aqui se incluía quase todo o espólio votivo desta estrutura: um micrólito geométrico, uma ponta de seta, ambos em sílex; uma enxó e uma conta de colar. A enxó e a ponta de

seta jaziam, juntas, na base dos esteios 1 e 2; o micrólito, junto ao bordo O da fossa. A conta de colar provém de local incerto (foi detectada na peneiração).

Sobre este estrato dispõe-se um outro, de argila muito fina, cinzenta, compacta — estrato D. Parece claro que este estrato, hoje seco, resultou da colocação de argila húmida ou lama fina (talvez mesmo intencionalmente humedecida) sobre o estrato anterior.

Segue-se uma sequência alternada de estratos C e D: primeiramente um estrato C, que inclui inúmeras pequenas lajes e, no mesmo, foi exumado um fragmento de ocre; sobrepõe-se-lhe um estrato D; sobre este novamente um outro estrato C que não chega a atingir a parte S. da fossa. Finalmente uma nova camada de argila cinzenta — D —, cobre todo o enchimento anterior e, conjuntamente com as lajes que se lhe sobrepõem, parece mesmo «selar» todos os estratos anteriores.

Estas lajes incluem-se numa camada de terra argilosa, castanha escura, com alguns carvões — A — e, foi só após a deposição desta que o monólito de quartzo n.º 4 foi *pousado* sobre o bordo e parte do enchimento da fossa.

Já cobrindo parcialmente a base do monólito, mas unicamente no interior da fossa, um estrato lenticular de argila fina intercala com argila mais grosseira — B — e, sobre este, surge novamente o estrato A.

O estrato A, na base do monólito 4, expande-se um pouco além dos limites da fossa, embora tal não seja visível nos cortes estratigráficos pois nenhum deles *passa* por esta área.

Precisamente aí, já sobre a estrutura «fechada» e após colocado o monólito, deve ter funcionado uma lareira que, ainda que pouco estruturada, foi utilizada o suficiente para deixar as marcas do seu contorno subcircular. Era definida por terras enegrecidas e inúmeros carvões.

Estes carvões foram recolhidos e esperamos que a data para os mesmos, a obter em laboratório, venha situar cronologicamente esta invulgar estrutura submegalítica.

2.3.1. Espólio

Da fossa funerária, e como material votivo, provém:

- uma lâmina, de sílex, muito comprida, larga, de gume bruto e secção subtriangular. Possui, na extremidade distal, uma pequena área com retoque directo, escamoso. Sem vestígios de utilização (Est. X-2);
- um trapézio simétrico, de sílex, com truncaturas rectilíneas e retoque abrupto. Sem vestígios de utilização (Est. X-4);

- uma pequena ponta de seta, de sílex, de base triangular, com aletas insinuadas, lados sub-rectilíneos, retoque plano, profundo, bifacial, invasor no anverso e marginal no verso, contínuo e cruzado. Sem vestígios de utilização (Est. X-3);
- uma enxó, de contorno subtriangular, alongada, de lados rectilíneos, gume convexo, assimétrico, fino e talão truncado. Secção sub-rectangular. Polida em toda a sua superfície. Sem vestígios de utilização. Matéria-prima: xisto silicioso (Est. X-1);
- conta bicónica, de azeviche, com perfuração central, bicónica;
- um machado polido, fragmentado, provém do enchimento da fossa e foi exumado no estrato C a 1 m. de profundidade. Teria contorno provavelmente trapezoidal, gume convexo, simétrico e fino. Secção biconvexa. Além de fragmentado apresenta-se bastante alterado pela erosão fora da área estrita do gume. Matéria-prima: xisto mosqueado.

No *tumulus* foi exumado um fragmento da movente de uma mó manual de granito (base da estrutura pétrea no A5, c.2); um pequeno seixo rolado (D5, c.1); um outro seixo rolado com vestígios claros da extracção de lascas (D5, c.1).

Cerâmica

Foram também exumados nas terras do *tumulus* — camada 2 — e no enchimento da fossa, 19 fragmentos cerâmicos com pastas variadas e que aqui incluímos em 3 tipos. Os mesmos fragmentos não permitiram deduzir a forma exacta dos recipientes.

Um grupo de 5 fragmentos provém do B3, sob a estrutura pétrea. Pertencem a um mesmo recipiente cujas paredes, de pasta grosseira e homogénea, deviam ser de cor cinzenta no exterior e núcleo, e avermelhada no interior — *tipo 1*. Um outro grupo de 10 provém do B8, também da base da estrutura pétrea superior; neste distinguimos 3 fragmentos de paredes finas, pasta micácea, muito fina e bem cozida, superfícies polidas e cor negra — *tipo 2*, — do outro grupo de 7, também este pertencente, tal como o anterior, a um vaso, mas de pasta muito mais grosseira que aquele. Este vaso, do qual se conservou ainda parcialmente o bordo, devia ter tido corpo globular e boca fechada. A pasta é muito grosseira, friável, e as superfícies de cor castanho escura com manchas negras.

Do interior da fossa — estrato A —, provém mais 4 fragmentos cerâmicos (um dos quais parece corresponder a um fundo aplanado)

pertencentes, concerteza, a outros tantos recipientes diferentes. A pasta destes 4, embora varie levemente de uns para os outros, pertence ao tipo 2, apesar de só um fragmento ter as superfícies enegrecidas. Os restantes têm cor castanho-avermelhada.

Carvões

Foram recolhidos os carvões da lareira situada junto da base do monólito n.º 4 (C5), e inserida na camada 2 e estrato A. Estes carvões foram enviados para o Laboratório de Radiocarbono do CSIC-Madrid.

Outros carvões encontravam-se espalhados pela terra do *tumulus* mas não foram recolhidos por se tratar de terras originariamente remexidas.

3. Algumas considerações

Reflectindo de novo sobre a particularidade arquitectónica deste monumento, cujo *tumulus* se assemelhava, no seu aspecto geral, a tantos outros conhecidos mas onde, no local de enterramento propriamente dito, se optou por uma solução construtiva híbrida — fossa ladeada de pequenas lajes, mas também de lajes «megalíticas» —, voltamos a questionar as razões da individualidade mostrada pelas duas mamoadas já estudadas nesta região.

Contudo, como se trata somente de dois monumentos com *tumulus*, realmente conhecidos, mas não insertos sequer no mesmo «núcleo» — *Pena Mosqueira* 3 faria parte dum grupo de 4 mamoadas, ao contrário desta, que se isola das restantes duas mais próximas (2 e 3 Km) por acidentes topográficos de monta —, nem com estruturas sepulcrais similares entre si, será prematuro propor hipóteses interpretativas, mesmo sobre as razões de tais diferenças, uma vez que ambos os monumentos podem simplesmente corresponder a soluções construtivas e rituais alternativas, dentro dum mesmo período cronológico.

Embora não tenhamos provas seguras que atestem a sua contemporaneidade (estrita ou mais ampla), julgamos que estes dois monumentos, separados entre si por uma distância que ronda os 12 Km (em linha recta) deviam, antes de tudo, ter correspondido a modelos de implantação no território levemente diferentes. No caso de *Pena Mosqueira*, só do conjunto das 4 mamoadas se poderia obter um domínio visual sobre a alargada paisagem do peneplano; ao contrário, do topo da mamoadas do *Barreiro*, avistar-se-ia um maior e mais diversificado território, que inclui zonas aplanadas, mas ainda vales e cursos de água relativamente importantes.

Não queremos obviamente justificar, com esta análise, as diferenças estruturais entre ambos os monumentos; aliás, desconhecemos, em absoluto, tanto a estrutura interna das restantes mamoas de Pena Mosqueira, como se estas foram utilizadas todas ao mesmo tempo (ou alternativamente num determinado período cronológico). Pretendemos só fazer notar que, em territórios restritos, o polimorfismo patente nos diferentes monumentos pode não expressar directamente um desfazamento cronológico ⁽²⁾ e/ou influências externas diferentes, mas reflectir antes particularidades funerárias e/ou rituais ditados por razões específicas, sociais, económicas ou outras, da vivência total do grupo.

Desconhecemos qualquer outro vestígio arqueológico destes grupos humanos que tumulavam (e concerteza viviam) no *Planalto* e, nem o fraco número de monumentos existentes nos permite perceber a densidade populacional, uma vez que os dois monumentos escavados parecem corresponder a tumulações individuais. No caso de *Pena Mosqueira 3*, os dentes exumados, porque não repetidos, devem ter pertencido a um único indivíduo e, na mamoia do Barreiro, embora não se tenham conservado ossos, o espólio votivo — 1 ponta de seta, 1 lâmina, 1 micrólito, 1 enxó e 1 conta de colar — aponta também para um enterramento individual, provavelmente masculino.

Assim, e sem querer cair em generalizações, somos levados a pensar que, embora possam ter existido no *Planalto* monumentos de tumulação colectiva (o que só a escavação de outros túmulos o poderá provar), os de enterramento individual também requereram um esforço ou investimento suficiente do grupo para que a entidade sepultada não tivesse um peso social, económico e provavelmente religioso, de destaque. Concerteza, o «grosso» dos elementos do grupo poderia ainda ser sepultado algures, fora do monumento.

Tudo isto são hipóteses interpretativas que porventura só a investigação sistemática de muitos mais anos permitirá esclarecer, tanto dentro como fora desta região pois, apesar de só agora se começarem a conhecer, em particular, necrópoles megalíticas, como a da Aboboreira (Baião — Porto) e, um pouco mais em pormenor que anteriormente, «regiões megalíticas» como a da Galiza, das Astúrias, de Zamora-Salamanca e Álava, para só falar de algumas, as conclusões preliminares a que se tem chegado, apontam para diferentes modelos de implantação territorial destes *monumentos com*

(2) As datas absolutas de Chã de Santinhos 1 e 2, são, como acentua V. O. Jorge, disso prova. — *Vd. Vítor O. JORGE, Les tumulus de Chã de Santinhos (Ensemble mégalithique de Serra de Aboboreira, Nord du Portugal), Arqueologia, n.º 12, Porto, 1985, pp. 96-128.*

tumulus, para soluções arquitectónicas muito diferentes, mesmo num mesmo núcleo ou região, e sem que essas mesmas soluções tenham uma imediata explicação cronológica.

Ainda no que diz respeito à individualidade arquitectónica das mamoas conhecidas no *Planalto Mirandês*, julgamos que essa realidade só poderá ser correctamente dimensionada se compararmos estes monumentos a outros conhecidos, por ex., noutras partes do Leste Transmontano (Mirandela, Vila Flor, Carrazeda de Ansiães, etc.), pois, caso contrário, cairemos no risco de estar a sobrevalorizar uma solução construtiva ou uma situação ritual numa micro-região cuja tradição arquitectónica, ou mesmo simbólica, pode estar, afinal, intimamente ligada à das regiões periféricas.

Não podíamos terminar sem nos referirmos ao espólio exumado na mamoa do Barreiro.

Trata-se de espólio votivo que denominaríamos de sóbrio (e não de pobre) pois os objectos depostos (todos em uma unidade), parecem-nos ter um significado de peso num enterramento que, afinal, deve corresponder a um só indivíduo.

Comparado, no seu conjunto, com o de *P. Mosqueira 3*, notamos a ausência das pequenas lajes de granito ou quartzo, afeioadas, com pinturas, ou somente cobertas de ocre mas, em contrapartida, surge aqui uma faca comprida e uma ponta de seta de base triangular, ambas em sílex, ausentes naquela mamoa.

Trata-se, concerteza, de particularidades simbólicas e/ou rituais que não devemos *sobrevalorizar, mesmo cronologicamente*, enquanto os dados arqueológicos forem tão limitados.

A cronologia absoluta desta mamoa poderá vir a ser fornecida pelos carvões exumados numa incipiente área de combustão, existente sobre o bordo da fossa funerária.

Adiantamos, contudo, que este monumento, cujo espólio arqueológico parece apanágio de sociedades já «calcolíticas», se deve situar genericamente na 1.^a metade do III milénio a.C.

4. Medidas de protecção

Todas as áreas escavadas neste monumento foram novamente preenchidas com terra. Sobre as zonas somente decapadas, e na confluência com o campo cultivado, foi «construída» uma imbricada estrutura pétrea com o auxílio de pequenas lajes, destinada à protecção da massa tumular

subjacente. Sobre esta «couraça» foi lançada uma nova camada de terra a fim de lhe dar consistência.

A fossa submegalítica não foi desmontada pois só foi escavado o seu interior. Mas, para tal, houve necessidade de remover o monólito 4 e o esteio 5, os quais, obviamente, não conseguiríamos, posteriormente, colocar exactamente na sua posição primitiva.

Hoje, a fossa encontra-se preenchida com terra remexida e, sobre a mesma, foi também construída uma fina «couraça» protectora, apesar de desconhecermos se originalmente esse área também a possuiria.

RESUMO

Neste trabalho divulgam-se os resultados da escavação de emergência realizada num monumento com *tumulus* (Mamoia do Barreiro), do Leste de Trás-os-Montes (conc. de Mogadouro).

O *tumulus*, grandemente destruído pela abertura de um caminho carreteiro e pela construção, e subsequente funcionamento, das infra-estruturas de apoio ao assentamento da via férrea e circulação ferroviária da linha do Sabor, ainda conservava no seu interior uma estrutura funerária quase intacta.

Trata-se de uma fossa, de contorno subcircular, com cerca de 3 metros de diâmetro, cavada no primitivo afloramento de base. As paredes da fossa eram ladeadas de pequenas, médias e grandes lajes de xisto. As lajes maiores, «megalíticas», encontravam-se todas no contorno Este da fossa.

O seu enchimento estava intacto e, na sua base, foram depositos artefactos votivos: um micrólito geométrico, uma ponta de seta, uma grande lâmina (todos em sílex), uma enxó e uma conta bicónica de azeviche, com perfuração central.

Julga-se que este enterramento sob *tumulus*, presumivelmente individual, deve situar-se, genericamente, na primeira metade do 3.º milénio a.C.. Aguarda-se, contudo, uma data absoluta de C14, cuja amostra se encontra em análise.

SUMMARY

We are revealing herewith the results of an excavation effected, under emergency conditions, at the «Barreiro» Barrow. This is a monument with a tumulus located on the eastern part of Trás-os-Montes (council of Mogadouro).

The tumulus, in spite of the great destruction caused by the opening of a passageway, by the groundwork for the support of the railway line of «Sabor» and by the subsequent function of the railway, still preserved in the interior, a funerary structure almost intact.

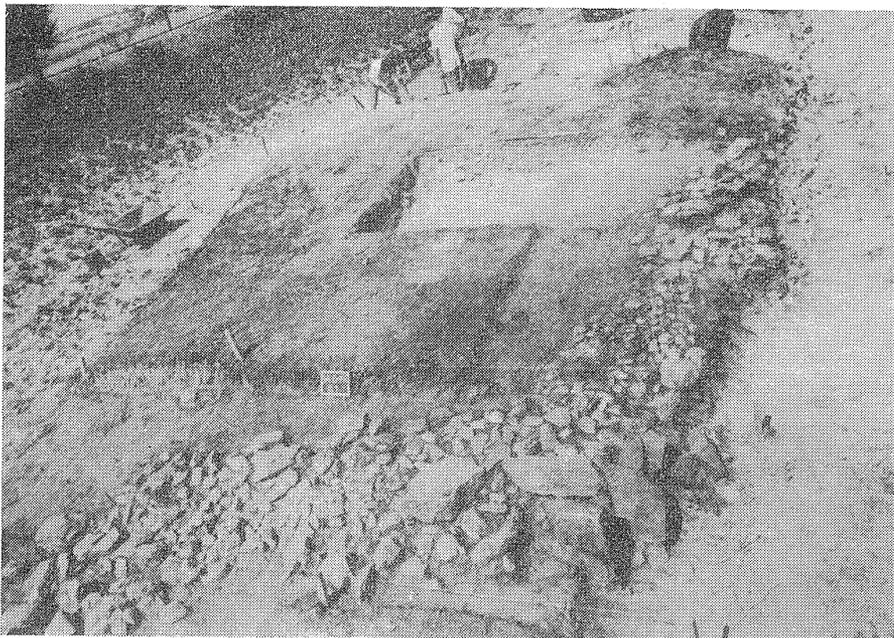
This monument is formed by a ditch with a sub-circular outline of about 3 metres in diameter and which was dug on the primitive bedrock. The walls of the ditch were surrounded by small, medium and large schist slabs. The «megalithic» larger slabs were all found at the East outline of this ditch.

The filling of the ditch was intact and there were various votive artifacts on its base, i.e.: a geometric microlith, an arrowhead, a large blade (all these made out of silex), an adze and a biconical jet-black bead, perforated on the centre.

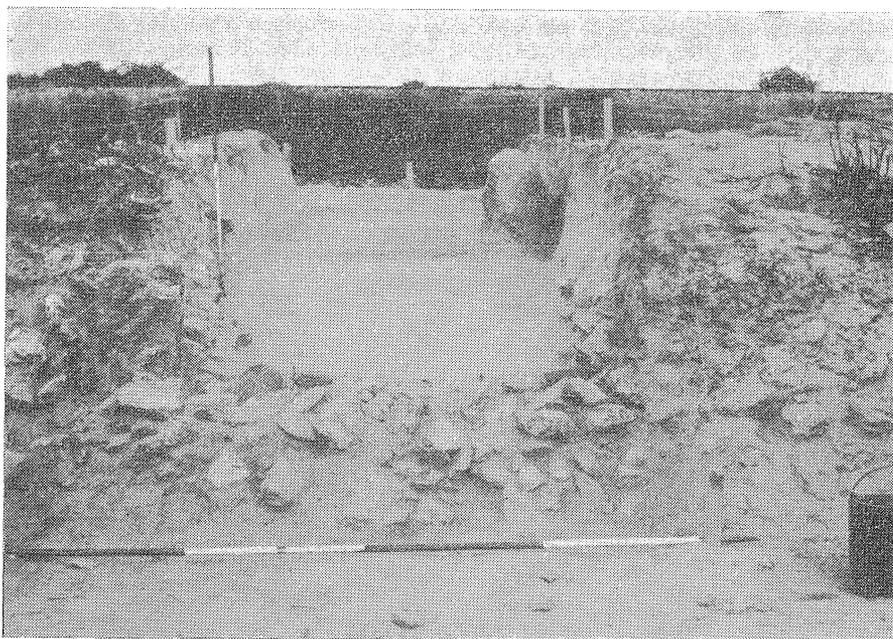
We believe that this under-tumulus burial — presumably done individually — would date from the first half of the III mil. b.C. However, we are awaiting a more accurate dating through a sample already being analysed by the C₁₄ method.

BIBLIOGRAFIA

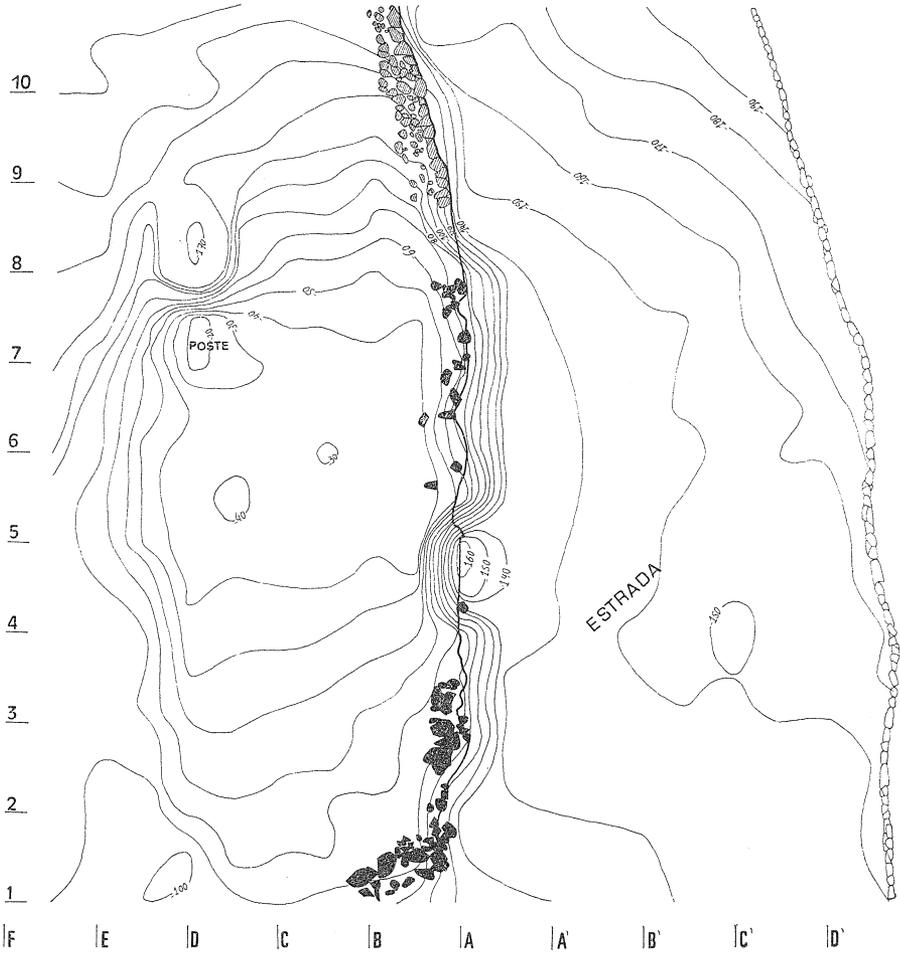
- RIBEIRO, António (1974) — *Contribution à l'Étude Tectonique de Trás-os-Montes Ocidental*, Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal, 24, nova série, Lisboa.
- SANCHES, Maria de Jesus (1987) — A Mamoa 3 de Pena Mosqueira, Sanhoane (Mogadouro), *Arqueologia*, Porto, 15, pp. 94-115.



1 — Aspecto da mamoá do Barreiro após a decapagem da área S.



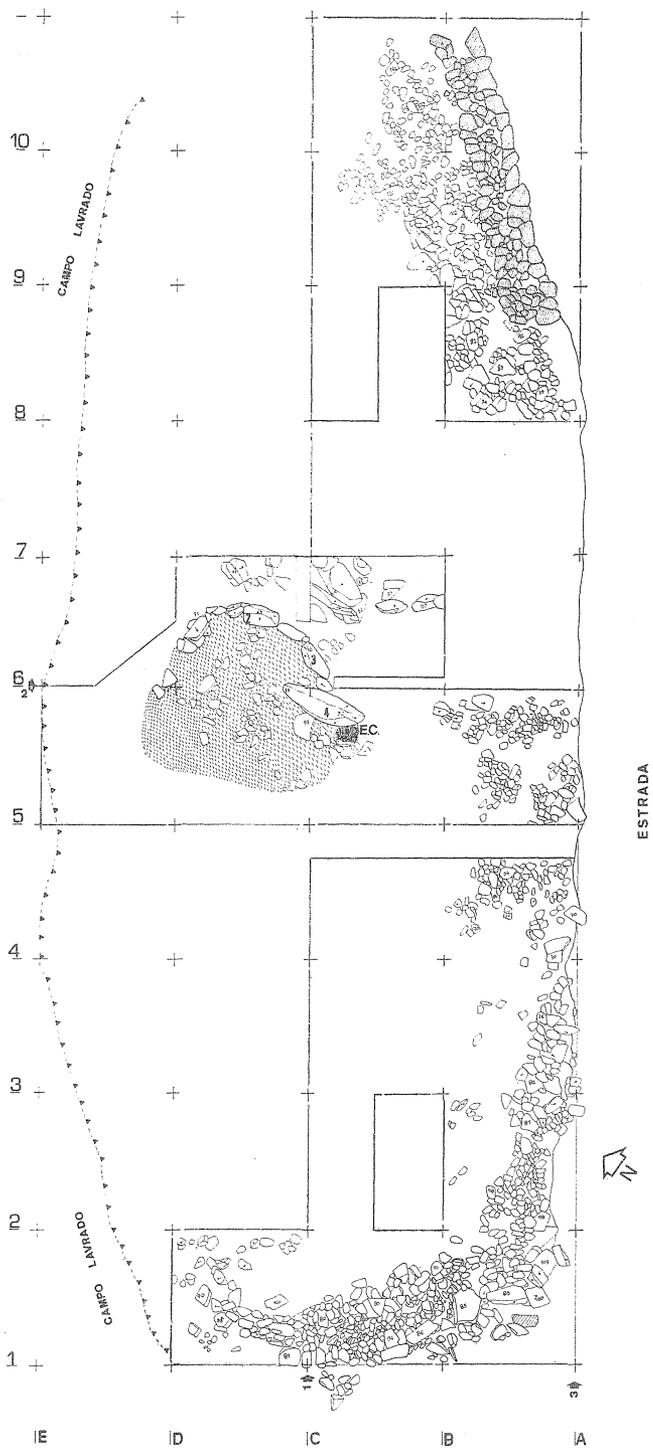
2 — Pormenor da vala NO-SE. Observe-se, na sua parte central, o monólito 4 em cuja base se define já a fossa funerária. Em primeiro plano, o imbricado de pequenas lajes destinadas a suster as terras do *tumulus* e, do lado esquerdo da foto, uma laje vertical, presumivelmente com a mesma função.



MAMOA DO BARREIRO
PLANTA TOPOGRÁFICA

0 ————— 4M

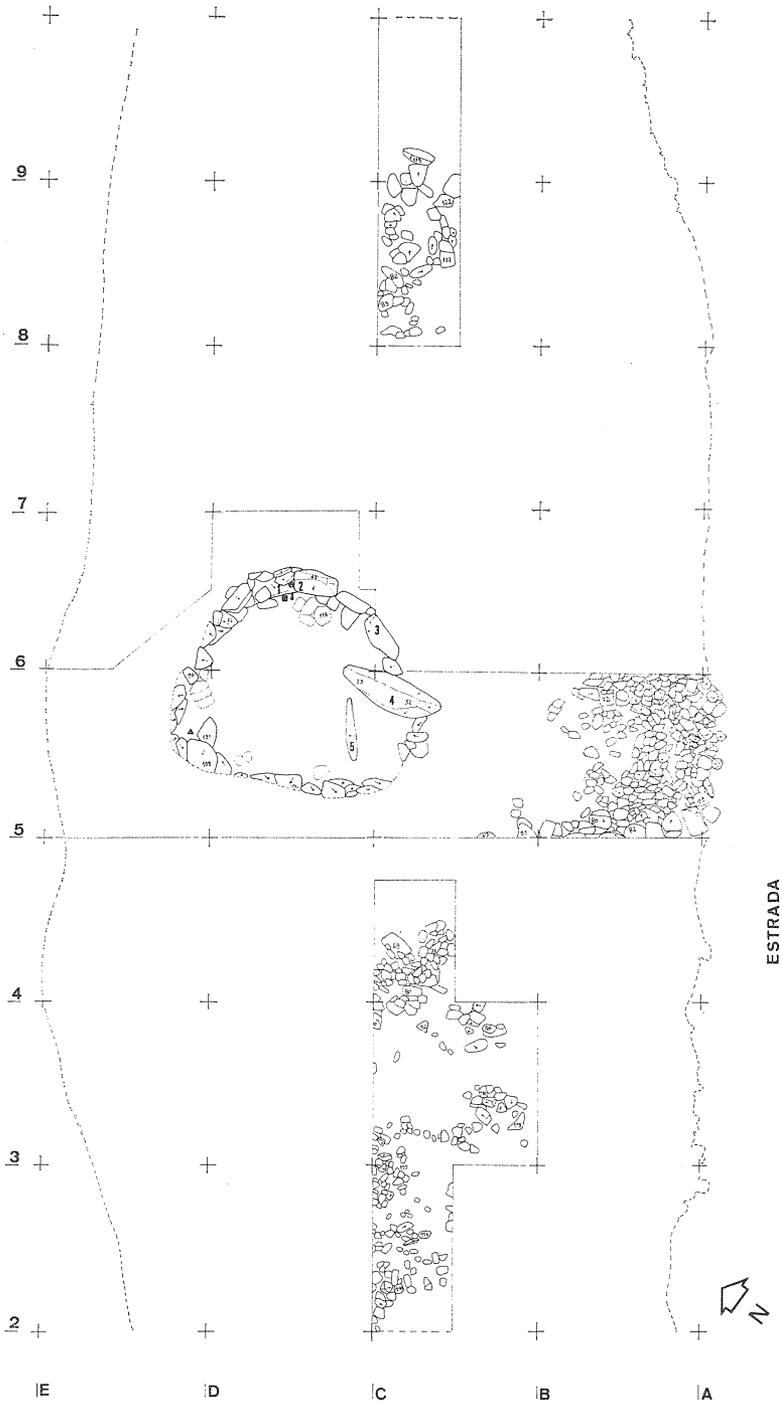




MAMOÁ DO BARREIRO planta I

0 2 M

MURO ACTUAL

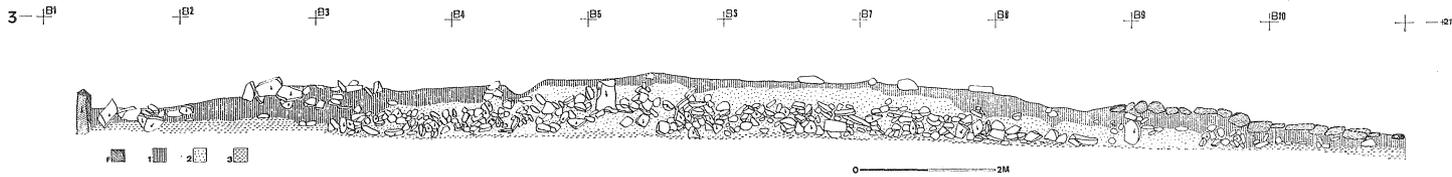
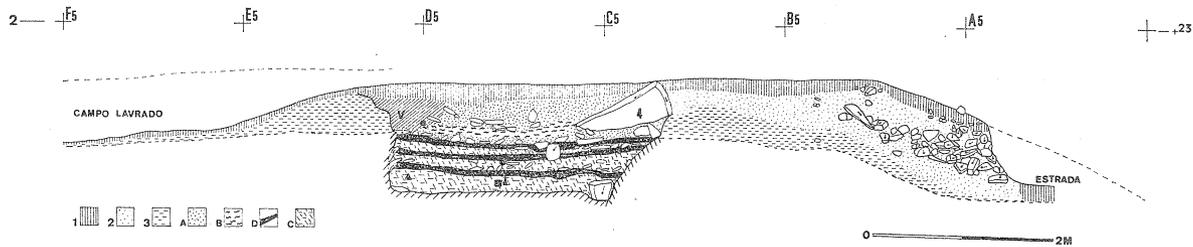
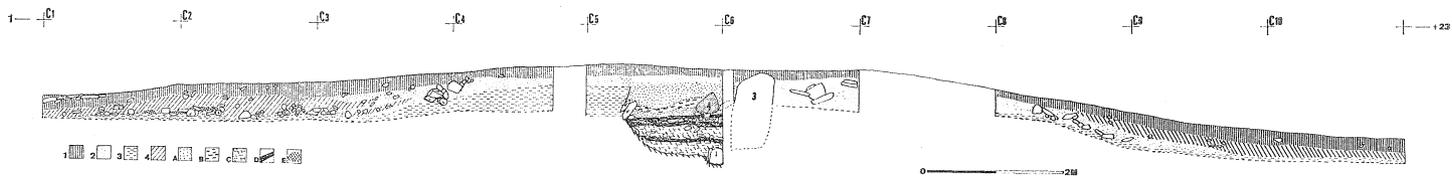


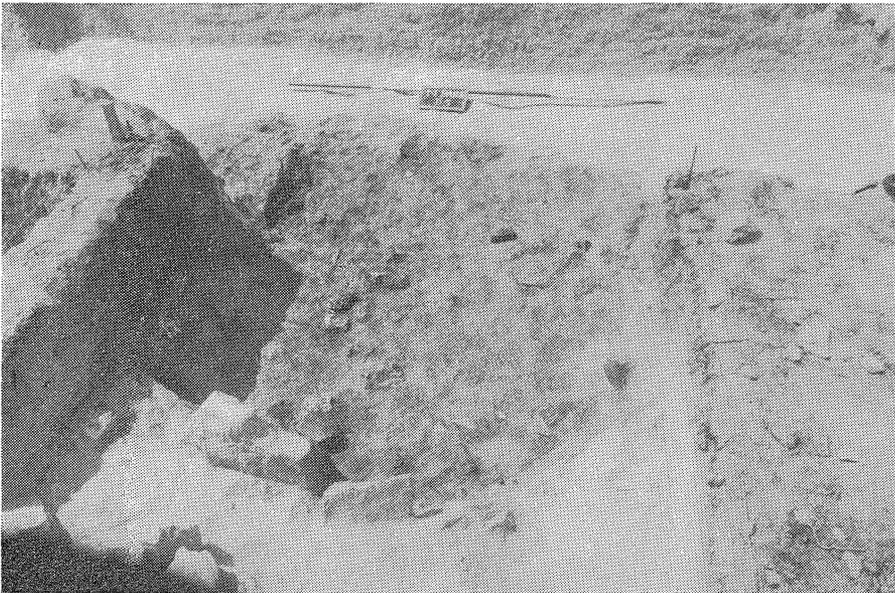
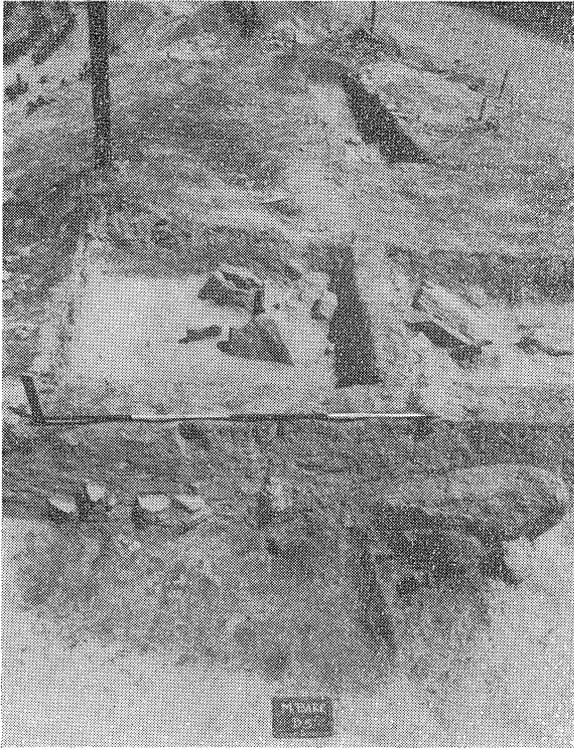
MAMOÁ DO BARREIRO

planta II

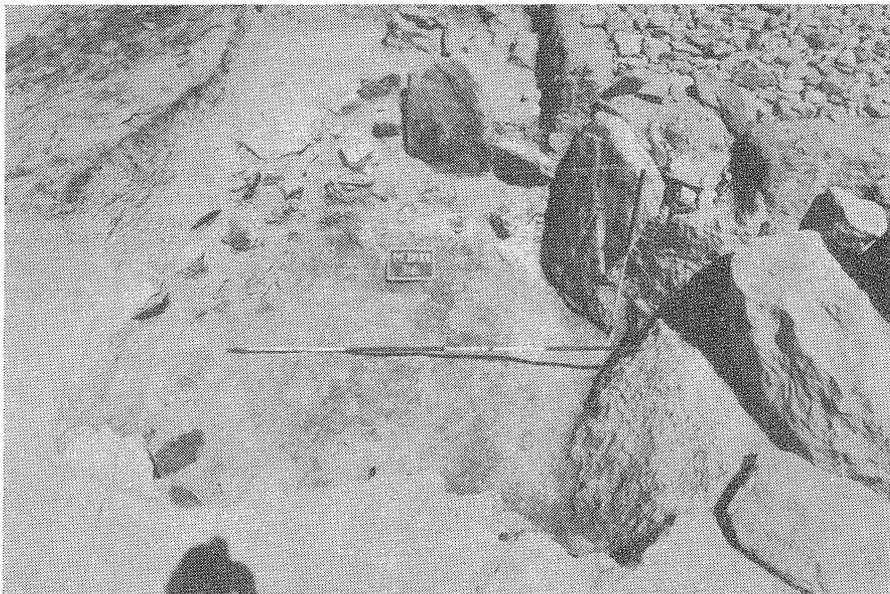
0 2M

- ▲ P. DE SETA
- LÂMINA
- ENXÓ
- ▲ MICRÓLITO

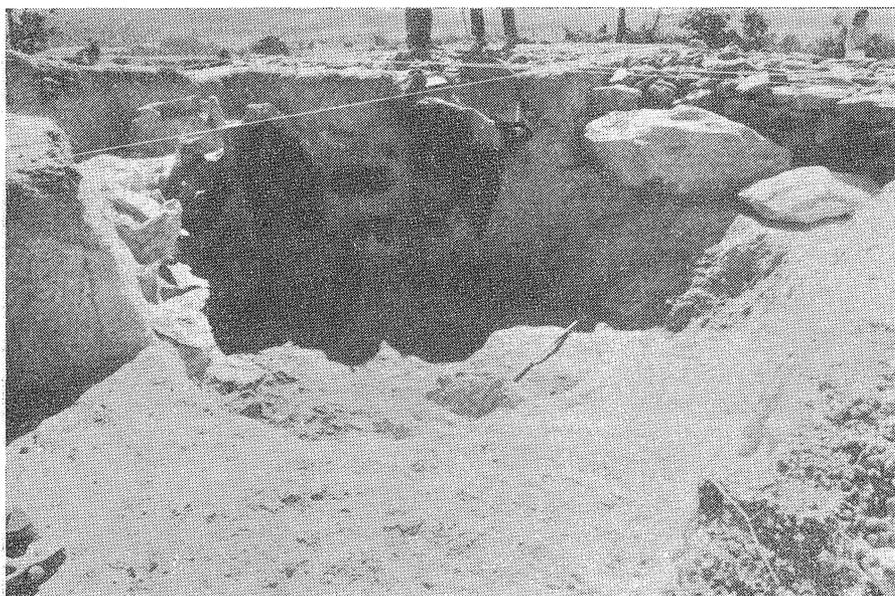




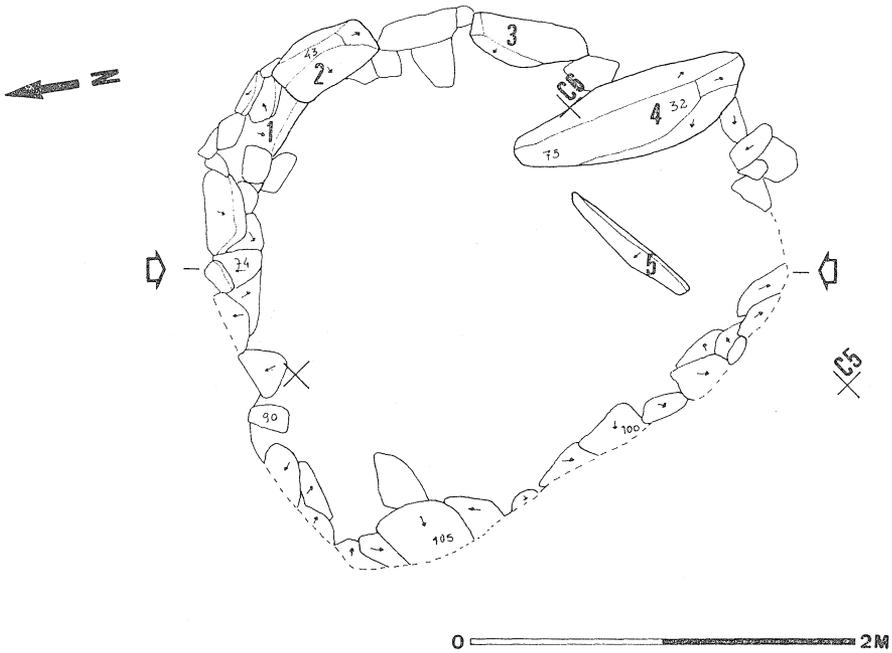
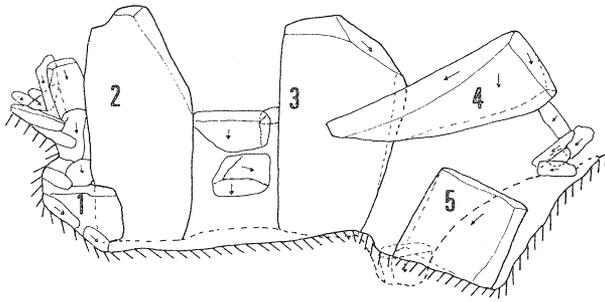
1 e 2 — Delimitação da fossa funerária.



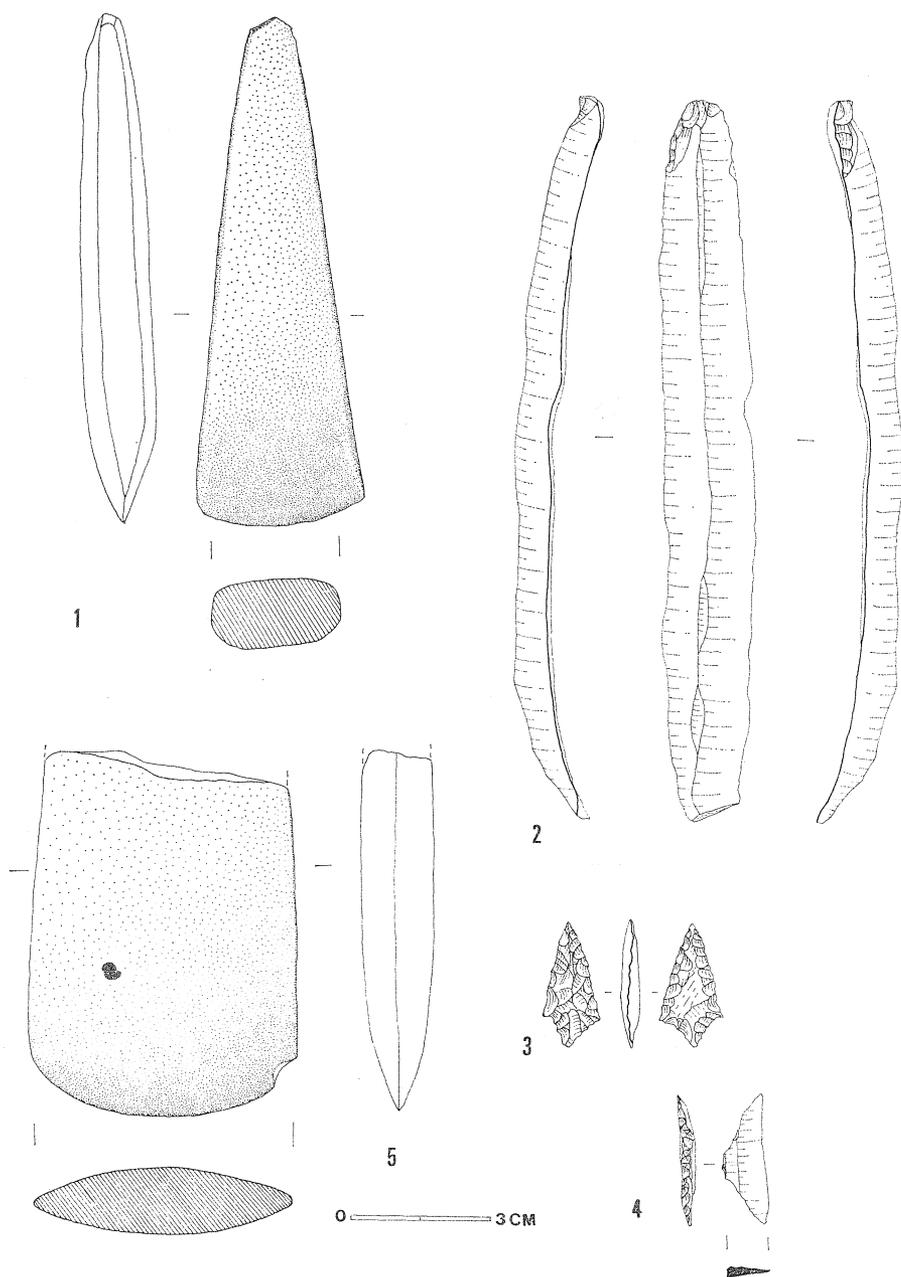
1 — A fossa funerária, na fase final da escavação.



2 — A fossa funerária, após a escavação do seu enchimento.



Planta e «alçado» E da fossa funerária.



1, 2, 3 e 4 — Espólio votivo do enterramento; 5 — provém também do enchimento da fossa funerária (ver descrição no texto).